

AMOR E IMAGINÁRIO NA SALA DE AULA

Benedito ANTUNES¹

- RESUMO: O trabalho consiste na abordagem de narrativas juvenis que se utilizam do gênero epistolar para configurar o relacionamento amoroso ou de amizade. Dá-se ênfase ao livro de Lino Albergaria, *De Paris, com amor*, a partir do qual procura-se explorar a tematização do amor e do devaneio na adolescência. Como se trata de estudantes, o tema conduz à questão da leitura e do ensino de literatura para jovens.
- PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; romance epistolar; ensino de literatura.

Introdução

Acho muito oportuno um colóquio organizado por uma Pós-Graduação em Letras que elege como tema “a leitura de literatura infantil e juvenil”. Independentemente de nossas linhas de pesquisa e de nossas preferências pessoais, não podemos ignorar, especialmente num curso de Letras que forma professores, as práticas de sala de aula no ensino Fundamental e Médio. Esse gênero (ou subgênero) literário faz parte do dia-a-dia desses níveis de ensino. E se a universidade não se ocupar deles, no plano pedagógico e literário, as editoras continuarão a atuar livremente, no plano estritamente comercial.

Embora não seja um especialista no assunto, tenho-me ocupado com uma certa regularidade da literatura juvenil, como decorrência da convicção que acabei de expressar. Além disso, trabalhar com questões relativas ao ensino de literatura hoje significa também eleger como *corpus* a literatura infanto-juvenil e refletir sobre ela. Estou cada vez mais convencido de que não basta trabalhar com o conceito amplo de literatura. Modalidades como literatura infantil, literatura juvenil precisam ser continuamente contempladas por nossas pesquisas, especialmente tendo em vista seu público-alvo e as condições de ensino, já que essas modalidades freqüentam a sala de aula.

No âmbito dessas preocupações, proponho-me, como exercício de leitura, percorrer alguns romances juvenis com a finalidade de apontar possíveis traços caracterizadores desse subgênero. Assim, selecionei cinco livros que se estruturam na forma de narrativa epistolar. São eles: 1) *Ana e Pedro* (1990), de Vivina de Assis Viana e Ronald Claver; 2) *Caixa Postal 1989* (1997), de Angela Carneiro; 3) *@s senhorit@s de Nov@ York* (1996), de Daniel Piza; 4) *Marta & William* (1996), de Álvaro Cardoso Gomes; 5) *De Paris, com amor* (1997), de Lino de Albergaria. Darei

¹ Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis.

uma ênfase maior ao último deles, a partir do qual vou procurar explorar a temática do amor e do devaneio na adolescência. E como as personagens são dois estudantes, a discussão se encaminhará, naturalmente, para a questão da leitura e do ensino de literatura para jovens.

O romance epistolar e as narrativas juvenis

Elaborando resenhas para o *Proleitura* – tablóide publicado pelo grupo acadêmico de que faço parte –, chamou-me a atenção a recorrência de narrativas juvenis em forma de cartas, especialmente nos anos 90. O romance epistolar, como se sabe, teve grande voga no século XVIII. Que se recordem o *Werther* (1774), de Goethe, *Pamela* (1740) e *Clarissa* (1747), de Richardson, *Júlia* ou *A nova Heloísa* (1701), de Rousseau (Faria, 1992).

Em vista disso, achei oportuno iniciar uma investigação para averiguar se esse fenômeno representaria apenas uma retomada de uma modalidade clássica do romance ou se corresponderia a uma possível especificidade da literatura para jovens. Mais precisamente, a questão que se coloca é se a recente retomada do romance epistolar pela literatura juvenil representaria uma tendência relacionada ao comportamento do jovem contemporâneo.

É preciso considerar que o hábito de escrever cartas, deixado de lado após o aparecimento de outras facilidades de comunicação, em especial o telefone, voltou a integrar o nosso dia-a-dia na era da Internet. Com ela, passamos novamente a fazer por meio de cartas aquilo que fazíamos pelo telefone. Até quem usava pouco o telefone para se comunicar escreve hoje cartas e bilhetes na forma de e-mails.

A hipótese que levanto aqui é a seguinte: em que medida a narrativa epistolar pode estar relacionada a determinados aspectos do comportamento do jovem contemporâneo? Dito de outro modo: considerando a retomada geral do hábito de se corresponder, é possível dizer que a narrativa epistolar formalizaria traços significativos do comportamento do jovem de hoje?

Na verdade, a correspondência por e-mail pode representar para o jovem a retomada de um hábito adolescente por excelência: o de manter comunicação frequente com seus amigos, paqueras etc. Quando o hábito de escrever cartas saiu um pouco de moda, os telefonemas ocuparam seu lugar. É clássica a cena de uma garota pendurada durante horas ao telefone. Da mesma forma, a expressão “me liga, tá?” chegou a virar fórmula de despedida entre jovens que tinham passado a manhã juntos na escola. Pura necessidade de diálogo com as pessoas de suas relações. Quando isto não era possível, o diário substituíria o amigo ou amiga ausente. São também clássicas as imagens de cadernos secretos, guardados a sete chaves, em que se anotavam confidências importantes. É provável que esses hábitos, sob novas formas, estejam em voga no meio adolescente.

Ocorre-me, a esse propósito, que um dos maiores *best-sellers* dos últimos tempos está sendo *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, publicado originalmente em 1991. Trata-se, a rigor, de um romance epistolar, na medida em que o presente de Sofia, ou seja, as lições de filosofia que ela recebe, é enviado pelo correio. A justificativa para a utilização do recurso tanto pode ser sua utilidade para a construção do mistério em relação ao missivista, como sua capacidade de representar uma maior penetração na intimidade da jovem. Em ambos os casos, trata-se de um recurso que funciona, talvez, por corresponder a hábitos próprios de seus leitores preferenciais: os jovens de 15 anos.

A nova narrativa epistolar

Abordando mais diretamente a questão, passo a uma breve apreciação dos romances mencionados anteriormente.

Ana e Pedro, de Vivina de Assis Viana e Ronald Claver (1990), apresenta a correspondência entre uma garota de 16 anos, residente em São Paulo, e um garoto de 17, residente em Belo Horizonte. Começam a trocar cartas mais ou menos por acaso (uma amiga de Belo Horizonte dá o endereço de Pedro para Ana quando se encontra com ela numa praia paulista).

A co-autoria neste livro representa mais do que um texto escrito a quatro mãos. Vivina e Ronald Claver fingem-se de jovens e trocam correspondência de verdade, desenvolvendo suas personagens a partir dessa experiência concreta. Em depoimento apresentado no final do volume, Vivina sugere que sua personagem adquiriu vida própria, tendo virado uma espécie de amiga e confidente com quem dividiu suas angústias. Também Ronald Claver afirma, em depoimento, que deixaram as personagens conduzirem a história. Isto talvez explique o final, em que Ana e Pedro se encontram, mas não se sabe como continua seu relacionamento. A única carta após o encontro dos dois em São Paulo é de Ana, que diz apenas o seguinte: “Pedro, me conta: você continua com a mão no queixo?” (p.77), num referência à sua posição quando pensava. É um final aberto, que deixa a possibilidade real de que o amor entre eles se desenvolva, mas não trunca o rico processo de comunicação entre eles.

Nesse processo, alguns aspectos se destacam. Ambos gostam de ler e de escrever. E escrevem à mão. Tanto que ela coleciona lápis e ele usa uma caneta-tinteiro. Há uma série de referências culturais importantes: o filme e o livro *Nunca te vi, sempre te amei* (aparentemente, o ponto de partida do livro), os romances *João Ternura e Tati, a garota*, de Aníbal Machado, *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, o interesse pelas cidades históricas de Minas Gerais, o gosto pela MPB, na figura de Nara Leão.

Caixa Postal 1989, de Angela Carneiro (1997), apresenta a correspondência, por meio de cartas, de um casal de jovens também distantes entre si, ela no Rio de

Janeiro, ele, mais uma vez, em Belo Horizonte. Laura, de 15 anos escreve a Léo, de 17, depois de encontrar um anúncio num jornal com a mensagem “procura-se um amigo”. Permeando a correspondência entre os dois há um narrador direto, que configura o contexto mais amplo em que vivem. Além das duas personagens centrais, há também a presença marcante de Marlúcia e Celeste, respectivamente, a amiga e a mãe de Laura. A correspondência funciona como a ação principal do livro, em que se estabelece uma espécie de contraponto entre a protagonista e as demais personagens, as quais representam os conflitos de Laura. Tanto os dramas da amiga quanto a relação com a mãe são assunto da correspondência com Léo.

Aqui também as personagens centrais são familiarizadas com a palavra escrita: Laura gosta muito de ler e Léo cursa Letras, é poeta e adora escrever. Há igualmente inúmeras referências que combinam com esse universo: Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, *Olga*, de Fernando Morais, *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez, além da música de Renato Russo. Chama a atenção nesse livro a variedade de temas polêmicos abordados com equilíbrio e sem preconceito: conflitos com os pais, consumo de drogas, comportamento sexual. Ao final, os dois jovens se encontram e se apaixonam.

Em *@s senhorit@s de Nov@ York*, de Daniel Piza (1996), dois rapazes se correspondem por e-mail, um de Nova York e outro de São Paulo. Fernando passa uma semana em Nova York com os pais e durante o período troca mensagens eletrônicas com o amigo Gustavo, que ficara em São Paulo. A narrativa apresenta duas grandes referências: o romance *Crime e castigo*, de Dostoiévski, e o quadro *As senhoritas de Avignon*, de Pablo Picasso. O livro, leitura obsessiva de Gustavo; o quadro, motivo de visitas e estudo no MoMA, em Nova York. Ao longo de uma discussão interpretativa dessas obras, as personagens admitem que elas os amadurecem e lhes mudam a visão de mundo. Ao lado desse aspecto pedagógico, a correspondência contempla o amor de Fernando por Adriana, que também ficara em São Paulo e de certa forma é vigiada por Gustavo. No final, o namorado distante conclui a correspondência com uma declaração de amor duplamente indireta, já que é feita ao amigo e passa pelo seu encanto com a cidade e pela interpretação do quadro: “Nova York me revelou Picasso que me revelou a natureza do que sinto por Adriana” (p.86).

Marta & William, de Álvaro Cardoso Gomes (1996), novamente apresenta a correspondência de um casal de jovens, ambos na cidade de São Paulo. Aqui a narrativa é movimentada por um clima de mistério criado pela identidade de William. A certa altura, longos trechos do diário de Guilherme, irmão de Marta, são transcritos nas cartas que ela envia a seu correspondente. O que no início se mostra aparentemente inadequado na narrativa, adquire sentido depois, quando se descobre a identidade de William.

As personagens estão sempre lendo, escrevendo e pintando. No diário de Guilherme lê-se: "... cheguei à conclusão de que o melhor mesmo era estar sozinho, lendo um bom livro. Pelo menos, num bom livro, as pessoas falam de tudo, menos de coisas idiotas" (p.52). As referências importantes do livro são: Fernando Pessoa, Arold Robbins, *Judas, o obscuro*, de Thomas Hardy, *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger.

E, finalmente, chegamos a *De Paris, com amor*, de Lino de Albergaria (1997). A novidade aqui é que o casal que se corresponde por escrito encontra-se na mesma sala de aula. A partir de uma troca de cartões postais, Melissa (como se vem a saber depois) e Paulo Sérgio realizam uma grande viagem imaginária pela cidade de Paris. No percurso descobrem o amor.

Surtem como referências importantes *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, várias localidades de Paris, em especial os museus e pontos culturais. A escola é uma grande referência implícita, na medida em que as personagens estão se correspondendo por meio da escrita. E Paulo Sérgio descobre Melissa pela redação e pela sensibilidade que percebe nela durante as aulas.

Um dos aspectos mais curiosos do livro é a valorização da imaginação. Ao utilizar a narrativa epistolar, os autores dos livros examinados anteriormente procuram explorar um traço típico do gênero, que é a busca de realismo pela troca de correspondência entre as personagens sem a aparente interferência de um narrador. E, nesse sentido, *De Paris, com amor* não foge à regra, mas apenas num primeiro momento, porque sua tônica é o devaneio e o puro jogo, já que o espaço, em princípio, não justificaria a troca de correspondência.

De qualquer maneira, o sonho e a imaginação estão presentes em todos os livros. Os conflitos e dificuldades da vida concreta são enfrentados no plano da imaginação por meio da correspondência. Pedro, de *Ana e Pedro*, diz numa de suas cartas: "Afinal, a vida é sonho. A realidade é um pedaço de morte" (Viana & Claver, 1990, p.31). E Ana, em seguida, responde-lhe: "Gosto de te escrever, te imaginar" (p.53). Aliás, toda a correspondência é trocada antes de eles se conhecerem.

Em *Caixa postal 1989*, a conversa séria, profunda e sensível dá-se na correspondência. Na narração da convivência de Laura com a amiga Marlúcia há em geral troca de preocupações miúdas. Celeste, a mãe de Laura, estimula-a a continuar a correspondência com Léo, afirmando que ela faz pensar: "Quando você escreve para ele, quando ele te escreve, você pensa. É um tipo de pensamento diferente do raciocínio que acompanha uma conversa ou um diário solitário. É um diário a dois" (Carneiro, 1997, p.66). Da mesma forma, Léo afirma: "Vejo meus dias como um texto, só para lhe contar. E, no fundo, fico fantasiando" (p.82).

Essa fantasia, às vezes, é vista com restrição. Laura encara suas cartas como um livro. E a ela própria como uma personagem. Nas cartas, ela se sente “vestida para uma festa” (p.84). Também Léo, para ela, é uma fantasia. O verdadeiro Léo, ela não pode alcançar. “Só conheço o teu lado que me escreve e é apenas este lado que forma a tua imagem na minha cabeça” (p.85).

Apesar da valorização da correspondência em relação ao diário, feita pela mãe de Laura, o diálogo entre os dois amigos, em *@s senhorit@s de Nov@ York*, parece representar o desdobramento de uma única personagem, o narrador. Como diz o autor em depoimento ao final do livro “Sou a mistura dos dois personagens deste livro” (Piza, 1996, p.90). Na verdade, a construção da ficção por meio do devaneio dos jovens nessas correspondências acaba desembocando numa espécie de ficção dentro da ficção. Isto fica claro em *Marta & William*, quando a personagem feminina afirma, por exemplo, que conta coisas nas cartas que não tem coragem de contar a ninguém. Diz ela dirigindo-se a William: “Você é um fantasma que habita um castelo de papel” (Gomes, 1996, p.17).

Essa questão, em *De Paris com amor*, parece ser a base de tudo. Uma vez que as personagens se encontram muito próximas, na mesma sala de aula, a utilização da correspondência para que os jovens se conheçam parece apontar para essa necessidade de ficção e fantasia.

*De Paris, com amor*²

Incógnita, a menina toma a iniciativa da correspondência e aguça a curiosidade do colega enviando-lhe mensagens em cartões postais. Em pouco tempo o diálogo se estabelece, e o processo de descoberta da misteriosa missivista torna-se uma espécie de princípio estruturador do livro, elevando-se a uma autêntica forma de conhecimento. O assunto gira em torno de viagens (sugeridas pelos postais), aparência física, personalidade, história e, claro, amor.

Uma vez identificadas uma para a outra, as duas personagens percorrem diversos locais de Paris, num passeio imaginário ao mesmo tempo turístico, cultural e lúdico. O recurso é, na verdade, o ponto alto do livro. Parte-se de uma situação real, a sala de aula – que pode inspirar todo tipo de viagem, dos altos vôos proporcionados pelo conhecimento ao simples devaneio para se fugir de seus momentos enfadonhos –, para o universo das experiências vividas no plano imaginário.

Do ponto de vista da escola, o devaneio é um traço negativo, na medida em que dispersa a atenção, rompendo com a disciplina e a objetividade exigidas pelo estudo. Devaneio vem de *vanu*, vão. Devanear é pensar em vão, fantasiar, sem utilidade

² As reflexões sobre este livro retomam, em grande parte, análise apresentada no 12º COLE, realizado em Campinas, de 20 a 23 de julho de 1999, sob o título “Literatura: a leitura à margem da escola”.

imediate, de forma gratuita. Porém, quantas coisas criativas e boas não fazemos no desvio da seriedade? No desvão? Em espaços vãos? Se, por um lado, a fantasia, uma certa gratuidade do pensamento, pode ser necessária à criação de um modo geral, ela é, por outro, componente fundamental da literatura. E se há uma atividade que em essência deveria ser gratuita é a leitura literária, já que a literatura é por natureza antiutilitária.

O escritor e professor francês Daniel Pennac, no livro *Como um romance*, admite que “a maior parte das leituras que nos formaram não foram feitas a favor, mas *contra*”. Segundo ele, “líamos, e lemos, como quem se protege, como uma recusa, como uma oposição. Se isso nos dá ares de fugitivos, se a realidade perde as esperanças de nos atingir por trás do amuleto que é nossa leitura, somos fugitivos ocupados em nos construir, desertores nascendo outra vez”. Pennac prossegue nessa linha de argumentação, afirmando que “cada leitura é um ato de resistência”. Resistência “a todas as contingências”: sociais, profissionais, psicológicas, afetivas, climáticas, familiares, domésticas, gregárias, patológicas, pecuniárias, ideológicas, culturais e até umbilicais. “Uma leitura bem levada – conclui ele – nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos” (1993, p.80-1).

Num primeiro momento, a gratuidade, a leitura por prazer, é subversiva em relação ao dever e à disciplina. Mas voltemos ao livro de Albergaria. Nele, a duplicidade *espaço concreto* (sala de aula) / *espaço imaginário* (as viagens) funciona como geradora de planos narrativos que o autor explora com talento. Um desses planos é a própria relação que se estabelece entre realidade e ficção, mostrando que a viagem fingida fica verdadeira ao estruturar-se literariamente. É isso que justifica os passeios imaginados por Paris e por estâncias menos definidas que desembocam no conhecimento e no interesse recíproco de um pelo outro, quando finalmente ela tira o véu e ele se despe de alguns preconceitos para se encontrarem, tanto na fantasia como na vida real.

Assim, o comportamento que, no início, parece avesso às finalidades do espaço escolar, revela-se, em sua essência, educativo, pois conduz, num outro plano, ao conhecimento pleno e interessado. Aqui a narrativa estabelece de modo eficaz uma passagem do conhecimento exterior (aparência física, locais historicamente identificados) ao conhecimento interior (personalidade, sabedoria). Os adolescentes, sonhadores por natureza, embarcam em jogos imaginários que lhes proporcionam uma espécie de amadurecimento pessoal, base inclusive para o despertar do amor.

No livro mencionado anteriormente, Pennac, citando Rousseau, destaca a máxima segundo a qual “se obtém mais seguramente e mais depressa aquilo que não se está, de modo nenhum, apressado em obter” (1993, p.53). Esta constatação entra em conflito com os programas escolares. O próprio Pennac complementa mais adiante: “Parece estabelecido por toda a eternidade, em todas as latitudes, que o prazer não

deva figurar nos programas das escolas e que o conhecimento não pode ser outra coisa senão fruto de um sofrimento bem comportado” (p.78).

Dessa perspectiva, *De Paris, com amor* representaria uma subversão às práticas escolares tradicionais, funcionando, em contrapartida, como uma espécie de resgate da sala de aula enquanto espaço gerador da viagem e, portanto, uma homenagem à escola autêntica. Afinal, é com a palavra escrita, ou seja, pela troca de correspondência, no espaço da sala de aula, que o livro nos faz realizar uma grande viagem, explorando o imaginário, o conhecimento e o amor.

Por outro lado, o livro pode funcionar simplesmente como negação da realidade escolar, da qual só o devaneio e a fuga nos salvariam. Neste caso, em vez de homenagem à escola, a viagem à roda da sala de aula configuraria o espaço da criação e do crescimento que se dão à revelia da escola, ou mais precisamente contra ela.

Restaria, talvez, uma outra possibilidade, que de certa forma contemplaria as alternativas anteriores, ou seja: a viagem, feita a partir da sala de aula, representaria uma visão mais equilibrada da escola, em que as dicotomias prazer/obrigação, imaginário/concreto, fora/dentro da classe apontariam para pólos de tensão inerentes à instituição escolar. Dessa forma, os termos poderiam ser vistos dinamicamente como elementos complementares de uma mesma situação. Cada termo supostamente positivo dessas dicotomias (a parte objetiva) só teria valor se associado a outro, no âmbito do devaneio, que poderia, assim, ser considerado fonte de equilíbrio e de criação frente à disciplina escolar.

A partir deste livro, pode-se pensar a respeito da importância desse traço do adolescente para o ensino de literatura. A questão pode ser formulada nos seguintes termos: quais as implicações de se ignorar no âmbito escolar a necessidade de fantasia do adolescente ao mesmo tempo em que se contrapõem atividades que tanto para o jovem como para o próprio adulto são, na verdade, interdependentes?

Para lembrar um caso similar, que envolve uma outra jovem de 15 anos e sua relação com a escola e a fantasia, recorro ao texto de uma adolescente brasileira. Trata-se de Helena Morley, cujo diário virou, cinquenta anos mais tarde, o livro *Minha vida de menina* (1942). Entre as muitas notas vivas de seu diário, pode-se ler a seguinte:

Não tenho pena da pobreza de ninguém; só tenho dó é de quem não trabalha. Se alguém quiser me dar um castigo é me obrigar a ficar à toa. Penso que a minha vadiação na Escola é mais por não considerar estudo como trabalho. Eu gosto é de serviço de mexer com as mãos e me deixar o espírito livre para pensar no que eu quiser e fazer os meus castelos. Adoro fazer castelos e cada dia faço um mais lindo ... Os que tenho feito ultimamente são tão bons, que até gosto de perder o sono só para pensar neles. Não me importo de realizá-los e nem penso mesmo nisso. Fazê-los me basta. (1998, p.328)

Observa-se aqui, embora de uma forma um tanto enviesada e incomum, a imaginação contraposta ao estudo desenvolvido na escola. Não porque o estudo impeça o trabalho com o imaginário, mas porque não é um trabalho físico. Este sim, ao ocupar as mãos, deixaria correr livre o pensamento. O “fazer castelos” da menina, ao mesmo tempo que está associado ao trabalho com as mãos, isto é, à atividade física, sendo dele um elemento complementar, está afastado da atividade escolar, que não é considerada trabalho. Só que a menina “faz castelos” também escrevendo, ou seja, ao entregar-se à imaginação por meio da escrita realiza aquele trabalho intelectual que ela não reconhecia nas atividades escolares. Neste sentido, imaginar é um trabalho, e o produto desse trabalho (seu diário) torna-se, ao longo de três anos, um elemento essencial de sua vida espiritual e material. O que ela não consegue, naquela época, como talvez não conseguisse hoje, é associar o “trabalho com a fantasia” ao trabalho escolar.

A autora dessas observações tinha 15 anos e apresentava de forma sugestiva um traço peculiar da adolescência: a riqueza e a importância da imaginação. Em seu diário, de nítidas características literárias, não só pelo estilo e fino humor com que recria o universo em que vive, mas sobretudo pelo sentido universalizante com que narra seu cotidiano, dois aspectos estão reunidos de maneira íntima e necessária: o sonho e a forma literária, ambos excluídos da escola. Esta exclusão talvez se verifique ainda hoje, como manifestação de uma suposta incompatibilidade entre “fazer castelos”, seguindo a imaginação, e aprender de acordo com a disciplina e o planejamento escolar.

Conclusão

Tendo em vista essas considerações, pode-se dizer que um possível traço da literatura juvenil estaria no plano temático: abordagem de assuntos conflituosos na adolescência, tais como amor, insegurança, transformações físicas, amizade, sexo, drogas, ritos de passagem. Esses temas, por sua vez, estariam se manifestando em uma forma específica – o diálogo em suas diversas modalidades. Dessa perspectiva, o romance epistolar corresponderia, no plano formal, a essa predominância temática, na medida em que representa a necessidade de interação do jovem com a família, com os amigos, com o sexo oposto.

Observa-se ainda que o gênero epistolar é propício à criação de uma espécie de mosaico de referências culturais e literárias, além de gerar histórias dentro da história, “já que quem escreve cartas tem de puxar assunto”.³ É o que se verifica, com efeito, no conjunto dos cinco livros examinados, que fazem constantes referências a obras,

³ Expressão de João Luís C. T. Ceccantini, de quem reproduzo neste parágrafo a hipótese formulada a propósito dessa caracterização da literatura juvenil.

autores e fatos culturais. Esse aspecto permitiria projetar a literatura juvenil na discussão sobre a chamada prosa pós-moderna, o que, naturalmente, requer uma outra leitura desses e de outros livros juvenis.

A narrativa epistolar juvenil, no âmbito do que se discutiu aqui, seria então a expressão formal de um traço do jovem: a busca de diálogo, seja com um interlocutor, seja consigo próprio, por meio da imaginação. Nesse processo, fica destacado o papel da imaginação no trabalho com o signo verbal, ou o papel do signo verbal no exercício da imaginação. Dessa forma, a escola, no tocante ao ensino da literatura, deve redefinir o seu papel. É preciso que ela repense suas práticas em função desse traço da literatura juvenil, que parece formalizar um comportamento típico do adolescente e de suas relações com o imaginário, o conhecimento e o amor.

ANTUNES, B. Love and imaginary in the classroom. **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 89-98, 2001.

- *ABSTRACT: This paper deals with the examination of juvenile narratives that make use of epistolary genre to give form to the relations involving love and friendship. Emphasis is given to Lino Albergaria's De Paris, com amor; trying to investigate the theme of love and daydream in youth. Due to the fact that it deals with students, the theme leads to the question of reading and teaching literature to young people.*
- *KEYWORDS: Juvenile literature; epistolary novel; the teaching of literature.*

Referências Bibliográficas

- ALBERGARIA, L. **De Paris, com amor**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- CARNEIRO, A. **Caixa Postal 1989**. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- FARIA, M. A. Ana e Pedro: um romance epistolar para jovens. **Proleitura**, Assis, v.2, p.1, dez. 1992.
- GOMES, A. C. **Marta & William**. São Paulo: FTD, 1996.
- MORLEY, H. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PIZA, D. **@s senhorit@s de Nov@ York**. 2.ed. São Paulo: FTD, 1996.
- VIANA, V. de A.; CLAVER, R. **Ana e Pedro**. São Paulo: Atual, 1990.

